

Roteiro de leitura da Percepção da Fenomenologia do Espírito

Introdução

§§ 1-6: Introdução

Primeira experiência

§ 7: Primeira experiência;

§ 8: Comentário acerca desta primeira experiência.

Segunda experiência

§ 9: A reflexão da consciência sobre o objeto de sua percepção

Coisa = uno puro privado de multiplicidade;

Consciência = um “também” dissolvido em matérias livres;

§ 10: Comentário acerca desta ação da consciência;

§ 11: A reflexão da consciência sobre o objeto de sua percepção;

Coisa = um “também” dissolvido em matérias livres;

Consciência = uno puro privado de multiplicidade;

§ 12: Comentário acerca desta segunda experiência da consciência.

Terceira experiência

§ 13: O objeto (a coisa) enquanto unidade e diferença;

Introdução: a contradição no objeto e a tentativa de sua eliminação;

§ 14: O duplo “na medida em que” (insofern) e seu valor desigual;

§ 15: Comentário: A implosão da coisa mediante sua propriedade essencial (ser para si);

§ 16: Comentário: A coisa enquanto negação absoluta de todo ser outro;

§ 17: Comentário: inessencial necessário: uma diferença apenas de palavras;

§ 18: O objeto tal como ele é: para si, na medida em que é para o outro; para o outro, na medida em que é para si;

§ 19: O novo objeto: a universalidade absoluta incondicionada; a nova figura da consciência: o entendimento.

Conclusão

§§ 20-21: Observações conclusivas sobre a experiência da consciência na figura “A Percepção”

Introdução

§ 1 O universal não pode ser esclarecido na certeza sensível, já que ela quer falar sobre o singular. O universal é o objeto da percepção. Assim sendo, tanto o percebente quanto o percebido são universais e essenciais. Todavia, na medida em que o sujeito da percepção e objeto da percepção se relacionam enquanto opostos, o objeto assumirá a posição do essencial, enquanto o sujeito a do inessencial.

§ 2 O universal da percepção não é algo imediato, mas mediatizado: universal mediatizado ou simplicidade mediatizada. Isso significa que este universal é a coisa de muitas propriedades.

§ 3 Portanto, este universal contém em si a mediação e o negativo. Este universal mediatizado expresso em sua imediatidade é a propriedade determinada ou diferenciada. Hegel também a denomina determinidades.

Um outro lado deste universal é o medium ou a coisidade, na qual essas propriedades se interpenetram sem se tocarem e são indiferentes umas às outras. As propriedades se relacionam entre si através deste meio universal.

§ 4 O caráter da universalidade positiva foi analisado anteriormente. Agora trata-se do caráter da universalidade negativa. Enquanto as propriedades se relacionam com outras propriedades opostas, elas não podem mais estar conjugadas na unidade simples do medium. Diante de tais propriedades, a unidade simples ou coisidade torna-se unidade exclusiva ou coisa.

§ 5 A coisa, enquanto o verdadeiro da percepção, é, em primeiro lugar, a unidade simples das muitas matérias ou propriedades; em segundo lugar, a unidade excludente das propriedades opostas; em terceiro lugar, finalmente, a relação entre os dois primeiros momentos.

§ 6 O objeto da percepção é a coisa acima descrita. A consciência tem que captar a coisa, tal como ela - coisa - é, pois ela sabe que ela pode enganar-se, na medida em que o seu objeto é o universal sensível, o qual contém em si o ser outro conservado. Aqui reside a possibilidade do engano.

Primeira experiência

A experiência e seu resultado

§ 7 A consciência, que deve simplesmente captar o seu objeto, percebe o mesmo em seis versões: o puramente uno, comunidade universal, uno excludente, medium comum universal, propriedade singular e, finalmente, ser sensível em geral. Enquanto ser sensível em geral, o objeto perde negatividade e é apenas um relacionar-se consigo mesmo, o ser sensível sem a mediação e a negação. Em virtude disto, a consciência entra em um círculo marcado pela opinião e a percepção.

Comentário acerca desta primeira experiência

§ 8 Como resultado desta experiência, a consciência reconhece, na sua percepção do objeto, a sua operação, a sua participação na determinação do objeto. Trata-se do momento da reflexão ou do retorno da consciência a si mesma. Esta participação altera o verdadeiro ou o objeto. A consciência, portanto, reconhece que nela reside a não-verdade, separando a sua apreensão do verdadeiro da não-verdade da sua percepção. Isto significa que implicitamente a verdade da percepção reside nela mesma, na consciência. Isto deverá tornar-se para ela no transcurso da experiência.

Segunda experiência

A reflexão da consciência sobre o objeto de sua percepção

§ 9 Assim sendo, a coisa é tomada como algo uno, de tal forma que toda a diferença seja atribuída à atividade da reflexão da consciência. A consciência torna-se aquele meio universal, no qual encontram-se, sem se tocar, as múltiplas propriedades do objeto: a sua cor, sabor, forma, etc. Somente deste modo a igualdade e verdade da coisa de ser algo uno são mantidas.

§ 10 Essa tentativa feita pela consciência de salvar a unidade da coisa deve ser abandonada. A unidade e a diferença que constituem a própria coisa são a expressão da determinidade na e da coisa. Ela é una e múltipla, em virtude do fato de ser a própria coisa um universal simultaneamente imediato e mediatizado. A unidade e a diferença percebidas pela consciência não são uma mera reflexão da consciência tentando salvar a própria coisa, mas, ao contrário, a realidade da coisa mesma.

§ 11 A coisa, agora, tem múltiplas propriedades. A consciência, por sua vez, tem por tarefa manter a coisa na sua unidade. Ela o faz através do “na medida em que”. A coisa é cúbica e, na medida em que é cúbica, não é branca.

Comentário acerca desta segunda experiência da consciência

§ 12 Fazendo uma retrospectiva da experiência da consciência, constatamos que tanto a consciência quanto o objeto são tomados, ora como a unidade pura privada de multiplicidade, ora o como “também” dissolvido nas múltiplas propriedades ou matérias. A consciência, portanto, reconhece que esses dois aspectos não pertencem apenas à coisa, mas também são obras da sua reflexão.

Terceira experiência

O objeto (a coisa) enquanto unidade e diferença

§ 13 Esse duplo movimento da percepção e do objeto percebido encontra-se agora ancorado no próprio objeto. Ele é simultaneamente uno e múltiplo, para si e para outro, refletido em si mesmo. Na verdade, o que ele é para si é diferente do que ele é para outro. Ele é um ser duplo diferente. Todavia, essa duplicidade é uma contradição em relação ao seu ser uno. A tarefa da consciência é agora evitar tal contradição. Mas a própria coisa, na medida em que ela é refletida em si mesma, tem de evitar tal contradição. A contradição é retirada da própria coisa e distribuída para dois objetos. A coisa é una, a diferença, no entanto, é atribuída a uma outra coisa. Assim sendo, a unidade é mantida e a contradição neutralizada.

§ 14 A contradição é expulsa da própria coisa, na medida em que a diferença e a multiplicidade que ela contém são consideradas como o inessencial. A própria coisa possui “um duplo na medida em que” (insofern), com valências diferentes. Na medida em que ela é una, ela é essencial; na medida em que ela é diferente, ela é inessencial. A diferença absoluta ou verdade oposta (§12) não são consideradas e aquela duplicidade do “insofern” mantém a coisa livre da oposição.

§ 15 A situação paradoxal consiste justamente no fato de que a sua propriedade essencial, a saber, o seu ser uno ou a determinidade essencial que a distingue das outras coisas, leva-a para a sua destruição. Enquanto sua propriedade essencial, a coisa encontra-se em relação de oposição com outras coisas. Mas enquanto algo uno, esta relação com o outro significa a sua dissolução. A unidade pura essencial sem diferença é a causa da sua destruição.

§ 16 Outra forma resumida de abordar esta dissolução ou destruição da coisa. A absoluta negação de todo ser outro é, na verdade, a negação referente a si mesma, já que a negatividade da coisa é dirigida a ela mesma, à própria coisa. Ora, esta negação é a negação de si mesma ou ter seu ser em outra coisa.

§ 17 Portanto, a diferença ou a negação do ser outro é necessária à coisa, mas, simultaneamente, consideradas como inessencial; assim sendo, existe apenas uma diferença de nome entre o que é necessário, mas também inessencial. Este necessário inessencial dissolve-se a si mesmo na negação de si mesmo.

§ 18 Em virtude disto, o último “na medida em que” desaparece. O objeto é propriamente o contrário de si mesmo: para si, enquanto é para outro, e para outro, enquanto é para si.

§ 19 Esta unidade entre o ser para si e o ser para outro é a universalidade absoluta

incondicionada - o aspecto objetivo. No campo subjetivo, a consciência adentra o reino do entendimento.

Conclusão

Observações conclusivas sobre a experiência da consciência na figura “A Percepção”

§ 20 Nesse parágrafo, o autor comenta as estratégias da consciência para retirar a contradição da própria coisa. Elas têm como objeto apenas uma universalidade sem diferença e sem determinação.

§ 21 Em um tom semelhante ao parágrafo anterior, recorda as tentativas da consciência de manter as suas abstrações separadas e isoladas: universalidade e singularidade, essencial e inessencial.